

**MENINOS, VAMOS
ACABAR COM A
BRINCADEIRA**

**...VOCÊS
NUNCA SE
DERAM BEM
AGORA É
QUE SE
ESTÃO A
DAR
MAL?**



CARTA DE UM CENTRISTA

Recebemos, de um centrista, com pedido de publicação, a carta que abaixo inserimos, sem hesitações, porque o jornal é de todos que o compram e aqui têm todos os mesmos direitos, sem necessidade de evocar decretos nem leis de Imprensa, sobretudo — melhor dizendo, desde que — aquilo que nos enviem sejam coisas para ir... aí vai, pois, a missiva... e divertim-se!

Exmo. Senhor.

Director de "Os Rídiculos".

Não é porque o vosso jornal tenha publicado algo a que venha responder ou por querer iniciar qualquer polémica, seja com quem for, nas suas colunas, que venho pedir-lhe a publicação nas mesmas, desta minha carta. Também não quero roubar-lhe es-

paço e esclareço, desde já, que estou disposto a pagar o que for necessário por aquele que a mesma ocupar. No centro não olhamos a despesas, nem para tal nos falta dinheiro. Como? Isso é connosco e, seja lá como for, desde a propagação nas estações do Metro, até aos festivais de música, ninguém nos bate. Só não temos o exclusivo das

paredes públicas porque é uma pouca vergonha o que se consente a essa gente das

esquerdas... divididas. Rasmag os nossos cartazes, as nossas "chamadas" ao centro, opõem-lhes por cima foices e martelos e estrelas, punhos fechados, etc., enchendo ainda todos os espaços onde nós poderíamos colar a propaganda centrista, a melhor, a mais pura, sem coisas contundentes. Nós, os bons é que deveríamos ter o exclusivo das paredes e muros de Portugal. Mandem, pois, a factura... que nós pagamos logo, à boca da caixa e passemos, depois deste pequeno desvio (o tempo dos grandes desvios já lá

vai...), ao assunto principal desta.

Como V. Exa. deve saber, por ter lido e ouvido — porque sabe ler, de certeza e não deve, ao que supomos, ser surdo nem curto de vista — escreve-se e diz-se por aí que nós, os do centro, os bons, os da convergência nacional... para o Largo do Caldas onde temos o Quartel General — isto é, a sede — somos uns fascistas, uns mauzões e que, até temos ligações com A., B. e C. — ou C. I., ou A. Afirma-se ainda que todos nós servimos, com devoção, o antigo regime — que Deus haja, porque o diabo é coisa que não desejamos evocar nestas recordações — quando, afinal, se muitos de nós o servimos, nos limitámos, apenas, a servir o próximo como a nós mesmos, que é uma conhecidíssima máxima cristã. Não temos culpa que esse próximo fossem os nossos amigos e conhecidos e, não, os desconhecidos e quantos se afastavam de nós. Cumpríamos a máxima, de certo modo, à nossa moda mas, cumpriamo-la! Portanto, não há nenhum direito (nem torto) para andarmos para aí a dizer cobras e lagartos a nosso respeito nem a tentarem, alguns assalanhados grupos, dar tau tau nos nossos juvenis centristas — até porque, há muitos outros que não estão no centro connosco e também não deixaram de servir a quem servimos e de chegar a brasa à sua sardinha. Ainda quanto à nossa juventude, se dizem que são todos "meninos e meninas bem", não temos culpa nenhuma de eles não terem nascido no casal ventoso ou em qualquer outro desses bairros menos bem (ou muito maus) do nosso país e, mais, aos nossos bairros, ainda não foi preciso ir o Copcon. Era o que faltava, fazerem-nos isso, aos do centro! Isto não quer dizer que a outra juventude não de

riamos que eles viessem a nós... mas, claro, não daquela maneira que foram à reunião do S. Luís e ao Caldas. Connosco, com os nossos bairros, o senhor brigadeiro não tem que se preocupar, nem o Governo tão pouco, sob outros aspectos sociais. Estamos todos muito bem, obrigados — e abrigados. Não precisamos de qualquer auxílio, governamo-nos com o que temos e prescindimos dele a favor dos mais necessitados. Nós, os do centro, somos assim, filantropos! As nossas ambições são, apenas, o Governo — não o próprio, porque já o arranjamos em tempo mas, o da Nação que pretendemos ver ao centro, para fomento de uma convergência em que todos nós, os bons, nos possamos gozar — que, os outros, os não bons como nós, que se governem!

Esta a verdade — não a verdade verdadeira e crua porque isso é pornografia e crueldade (e nós não somos pornográficos nem cruéis) mas, a nossa verdade. E, contra a nossa verdade centrista... nada a fazer. Por isso, e parafraseando o nosso imortal poeta cesse tudo quanto contra nós se canta... e, mais não digo, senhor director, porque está tudo dito! Espero que o vosso "jornal de graça" me dê o acolhimento que outros, a sério, não me têm dado, pois estou farto de escrever para eles e... nada — o que desde já muito agradeço. E, mande a factura...

X. P. do Centro

NOTA DA REDACÇÃO

Não sabemos porque carga de água este tipo nos pediu uma coisa destas — pois, não somos de qualquer "protectora"... epistolar. Mas, como a carta realmente tem piada (tem, não tem?), publicamo-la de "borla" e deixamo-la à apreciação desolante dos nossos prezados leitores.



DEIXA-LOS "MORDER" QUE CA'
À GENTE NÃO HÃO-DE ELAS
LIXAR!...



DIÁRIO DE UMA NOIVA

25 DE FEVEREIRO

Como é bom estar casada! Obrigo o Sérgio a dar-me um pastel de nata por cada beijo que lhe dou. Lambuzo-lhe a cara toda, que engracado que é! Imagine-se que o maroto queria "pernoitar" comigo! O que eu me ri! Foi sempre uma rapariga ingénua e sem maldade e não me casei para andar a fazer poucas vergonhas que nunca fiz em solteiro. Quando disse isto ao Sérgio, ele ajoelhou-se aos meus pés, muito comovido, a murmurar "como és pura, como és pura!", o que me valeu uma dúzia de bolos de "chantilly". Sem a vigliância dos meus pais, tenho-me desforçado. Já engordei quatro quilos. Estava magríssima, pesei-me antes de casar e tinha apenas noventa quilos.

10 DE MARÇO

Como pode modificar-se em tão pouco tempo uma pessoa? O Sérgio odeia-me. Ontem, à hora do jantar, atirou-me de chofre: — Vocemecê não passa duma marabunta! — Levantei-me da mesa, ofendida, o que bastante me custou pois me estava a saber muito bem a perna de cabrito. — Se eu sou marabunda, respondi-lhe, você não passa de uma grande marabúta que seduziu uma pobre rapariga com torrões de açúcar para depois obrigá-la a beber o fel das afrontas! — apesar desta tirada, ele não pareceu nada impressionado. É um monstro! Detesta-me! Há dias, franqueou a porta do meu quarto com o pretexto de me trazer um tabuleiro com trouxas de ovos e, mal se apanhou lá dentro, lançou-se a mim que nem um garoto a um caramelo. Em desespero de causa, defendi-me com um frango que guardara debaixo do travesseiro para comer durante a noite. Repeli-o e, depois, chorei copiosamente: não se aproveitou nem um bocadinho do frango.

25 DE MARÇO

Quando regresséi esta tarde de Belém onde fui comer uns pastelões, encontrei as minhas malas feitas. Compreendi o mandato de despejo. Sem perda de um minuto, telefonei-lhe. Vesti o meu "peignoir" cor de salmão e quando ele chegou, consumámos o matrimónio. Foi uma hora maravilhosa! Sonhava com todos os bolos que a seu tempo virão... Ele, num verdadeiro delírio, chamava-me: "Meu chou à crème".

cont. na pdg. seguinte



15 DE FEVEREIRO

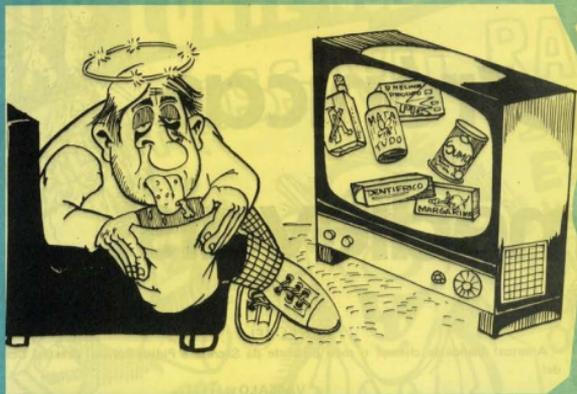
"Escrevo estas linhas na véspera do meu casamento. São quatro da manhã e ainda não consegui adormecer. O coração salta-me no peito, sinto-me num terrível estado de ansiedade e, como me costuma acontecer nestas ocasiões, só me apetece comer. Fiz uma omeleta de oito ovos e fritei uma alheira e batatas, à socapa dos meus pais que dormem a estas horas e que, nos últimos tempos, se tornaram insurpotáveis, sempre a censurarem-me por comer demais (o que não é verdade mas mania deles), sempre a compararem-me com um texugo ou uma lontra, sempre a falarem-me em dietas que é um género de coisas que ainda me abrem mais o apetite. Devo confessar que, em grande parte, o meu desejo de casar foi motivado por esta incompreensão dos meus pais. Filha única como sou e habituada a eles, nunca teria pensado em dar este passo se não me arreliassem tanto e não estivessem sempre a vigiar o que eu comia. No entanto, gosto bastante do Sérgio, nenhum pretendente me agradou tanto como ele. Talvez já seja um pouco velho pois faz setenta e cinco anos em Maio mas, de facto, reúne todas as qualidades que eu esperava encontrar num marido. É proprietário da melhor pastelaria do nosso bairro onde vou todas as tardes e o nosso namoro começou depois dele enviar. Comecei a notar que olhava para mim enlavadado, enquanto eu comia o meu pratinho habitual de bolos, apenas meia-dúzia de pastelões de nata, umas poucas nozes de Sintra e uns pingos de Tocha, além das trouxas de ovos de que costumo desenojar com um "sclclair". Um dia, pedi-lhe um "italiano" suplementar e ele disse-me esta maravilha de

piropo: — Italiano eu fosse! — Quando voltei a casa, percebi que estava apaixonada. Mas claro que foi difícil demover os meus pais que se obstinavam em recusar a minha mão ao bom do Sérgio. Em vez disso, queriam que eu casasse com o Manuel que tem uma Casa de Ferragens o que é incompreensível pois não há torneira de banho ou maçaneta de porta que se compare a um "dedo de dama" ou uma "bola de Berlim". Venci finalmente a sua renitente oposição. Como o Sérgio está feizi! Eu, como já disse, sinto-me ansiosa. Amanhã, é o grande dia! Não me canso de ler o "menú" do copo-de-água, há língua escarlata Cleóptra e lampréia de ovos. Vou estar de olho atento porque me dizem que muitas convidadas surripiam bolos e outros manjares nos casamentos e eu quero guardá-los para quando voltar da lua-de-mel que passaremos em Aveiro por causa das barricas de ovos moles.

17 DE FEVEREIRO

Não há noiva alguma que tivesse passado uma noite de núpcias tão penosa como a minha! Que horror! Que combalida me sinto! Mal cheguei a Aveiro, fui direitinha para o hospital afim de fazer uma lavagem ao estômago em consequência de qualquer coisinha pouco fresca que comi no copo-de-água.

O Sérgio também se mostra muito abatido, julgo eu que por ter visto uma prima nosa meter debaixo do casaco um delicioso bolo de chocolate. Não há direito que gente com a obrigação de ser civilizada se comporte desta maneira. Se calhar, foi isso que me fez mal e, agora, os médicos atribuem à indigestão a resolta da minha hipersensibilidade.



RESCALDO DA CAMPANHA PEITORAL

Caíram as nossas Agências de Publicidade em estado de anemia profunda de que os jornais têm dado notícia. Ainda há pouco tempo prósperas e operosas, com todas as suas fanfarras a bombordo, disparando "slogans", inventando formas de aliciar a multidão pascária e de tornar o mais prosaico produto numa embalagem sublime da fantasia oriental das "Mil e uma Noites", a sua queda foi abrupta mas não inesperada, abissal mas não inexplicável, a consequência humana e lógica da mudança de fama da publicidade, reconvertida em propaganda política. O sucedido não significa que uma população inteira, de Arcos de Valdevez a Portimão, tenha descuidado subitamente dos cuidados com o seu hábito, a brancura dos seus dentes ou das suas roupas, que um povo em massa, monoliticamente, tenha fechado o ouvido aos encantos cicizados e às vantagens incontrovertidas das várias margarinas que originam a felicidade conjugal ou dos muitos desodorizantes que garantem sucesso imediato na promoção de vendas e um noivo ao dobrar da primeira esquina... O interesse e a atenção das pessoas deslocaram-se, concentraram-se noutra ordem de assuntos, aderiram a outro género de campanhas, a outra linguagem mais usada, mais penetrante, mais real. A publicidade, arreigada aos seus velhos cha-

CRONICAS DA CONTRA REÇONHA POR: EZEQUIEL

vões, à sua concepção de uma sociedade sem imaginação e sem outras opções que não fossem as tocantes a detergentes e nínharías, não souba acompanhar a mudança. A sua crise não é só um reflexo das transformações económicas, mas, sobretudo, o resultado de inoperante uso e abuso de antigas fórmulas e receitas que já não interessam, que não têm qualquer ressonância na atmosfera renovada do País.

A publicidade devia ter compreendido a tempo que uma nova mentalidade e o alargamento do campo dos interesses gerais acarretavam uma urgente renovação de métodos e de modos de chegar ao público. Os processos rotineiros naufragaram assim

no mar estagnado de uma actividade que não apontou a proa às águas revoltas, inquietas, sôfregas de inovações de um público que passara a viver, a pensar, a ter ideias, a habituar-se a emoções fortes, muito para além do mundo pueril, repetitivo, banal e anacrónico dos anúncios pífios. Deerto que houve abalos no mercado, que certos sectores económicos foram afectados na expansão dos seus produtos e, portanto, na necessidade e possibilidade de publicitários, dispensei somas que não lhes traziam compensação. Mas mesmo em muitos desses casos, poderia a publicidade ter assumido um papel importante, senão salvador pelo menos valioso no seu contributo das motivações porque se compra ou se vende. A tónica das nossas vidas já não é o acto gratuito, o sor-

riso estereotipado, a inconsciência, a frivolidade. Entenda a publicidade a nova psicologia das multidões, a sua "filosofia da vida", agora bastante diversa e, lutando contra a sua crise interna, auxiliará a deter a que envolve as actividades de que vive.

A publicidade está hoje como um escritor que não evoluiu e que atribui a escassez dos seus leitores a uma quebra completa do mercado livreiro. Mas não é por essa razão que os nossos "best-sellers" de ontem não são os

nossos "best-sellers" de hoje.

É nesse poderoso e inteligente esforço de adaptação às transformações de uma sociedade que sente, pensa e age de uma nova maneira que poderá a publicidade encontrar a sua sobrevivência. A sociedade apática e passiva a que se dirigiam, morreu! Está ao alcance da observação de todos, no seu turbilhão de energias e de ideias, mais activa do que nunca, inexorável para os que ficaram no cais, presos à incapacidade de empreender a viagem para o futuro.

DIÁRIO DE UMA NOIVA

17 DE SETEMBRO

Fui hoje acompanhar o Sérgio à sua última morada. Agora, terei de tomar conta da sua pastelaria. Queira Deus que eu sobreviva ao desgosto e ao trabalho que me espera. Como última prova de respeito e amor pelo meu breve mas inesquecível marido, fiz a mim própria o juramento de só comer pingos de Tocha, enquanto durar o tempo do luto. Será um ano de sacrifícios...

Tive de interromper mo-

mentâneamente estas linhas para atender o chefe dos pasteleiros que é a amabilidade em pessoa e me trouxe uma travessa de bolinhos de côco. Estavam deliciosos, divinos! Embora sinta remorsos por este deslize e pela quebra dos meus propósitos, posso jurar que comi os bolos a pensar no Sérgio, o modelo dos maridos, o meu querido e inultrapassável Sérgio, que tantas alegrias me deu em vida e que muito mais alegrias me reserva, depois de morto.



de interromper mo-

Crónicas medievais



EL-REI

— Arautos! Mandaide chamar o meu preboste da Secreta e Pidica Polícia! Prestes! Correde!

VASSALO

— Prestes vou, meu senhor. Mas antes que eu mal prégunte: para que quereides vós tão prestes falar com o Preboste?

EL-REI

— Não discutaides as minhas ordens! Se vos digo que quero aqui o meu preboste da Pidica Polícia não tendes mais que fazer que o ir arautar! Ou então utilizaide essas modernas engenhocas a que chamam pilifones...

VASSALO

— Pilifones? Estaides enganado. Magestade! O físico que inventou esses instrumentos de magia negra donde por vezes saem estranhos sons, chamou-lhes telefones...

EL-REI

— Soides mais artolas do que a vossa barregá! Esqueceis-vos que essas engenhocas são monstros devoradores de reais, cruzados e dobrões e todas as formas de pilim? Por isso se chamam pilifones! Mas despachaide-vos! Se mo não trazeides prestes, mandar-vos-ei encerrar numa masmorra!

VASSALO

— Ia para a masmorra é uma gaita! Mandaide-me antes para outro lugar. Uma masmorra तो o grave inconveniente da super-população...

O SONCHO D'EL-REI

EL-REI

— Se refilaides uma lasquinha mais, ides já...

VASSALO

— Prestes vou, Magestade. Tenho a minha lambreta à porta...

D. BRIOLANJA

— Senhor, que pressa haveis dado ao vosso fiel vassalo e escudeiro, que parecia que levava fogo no rabo?

EL-REI

— Mandei-o chamar o meu preboste da Pidica Polícia. Novas hei de grande gravidade e importe.

D. BRIOLANJA

— Que me dizeides? Acaso receareides alguma conjura desses infieis que se opõem ao vosso paternal reinado?

EL-REI

— Não é coisa nova, minha amada esposa. Bem sabeides que todos os meses me sinto obrigado a fazer uma depuração de alguns infieis que pretendem desviar o meu bom povo da sua serena e feliz existência...

D. BRIOLANJA

— Gente cruel e mal formada! Ando o nosso bom povo tão feliz e contente, sempre animado nas dansas e folguedos que o vosso menestrel D. Francisco Homem Marmelo lhes ensina, e esses infieis sempre a tentarem desvia-lo para o caminho da perdição!

cont. na pág. 14

ORA CONTE-NOS

DO POSSÍVEL

**O QUE PENSA
RACIONAMENTO
DOS BENS
ESSENCIAIS?**



MERCCEIRO

JÁ TINHA SAUDADES
DA CANDONGA!..
OXALÁ QUE VENHA...

FUNCIONÁRIO
PÚBLICO



RACIONAMEN
TO DE COMIDA?
OH!..FILHO JÁ NÃO
ESTRANHO!..



CAMPONES

NÃO TARDA NADA
QUE SÓ COMA
BATATAS QUEM
AS SOUBER
SEMEAR!..



CAPITALISTA

O DINHEIRO
É UM BEM
ESSENCIAL??



BALZAQUIANA



OH! FILHO... AOS ANOS
QUE O BEM MAIS
ESSENCIAL PRA MIM
ANDA RACIONADO!
PASSO TANTO TEMPO
SEM VER O PADEIRO!..





Riberrada

ARGUMENTO

QUANDO o preto Ribeiro entregue ao sono Jazá, lhe aparece o deus Priapo; E com uma das mãos por ser fanchono, Lhe agarra na cabeça do marzapão; Ofrece-lhe depois um belo cono, Como sem cavalete, gordo e guapo; Casa o preto e a mulher, por fim de cantas, Lhe põe na testa retorcidas pontas.

Poema em um só Canto

I
AÇÕES FAMOSAS DO FODAZ RIBEIRO,
PRETO NA CARA, ENORME NO MANGALHO,
EU PRETENDO CANTAR EM TOM GROSSEIRO,
SE A MUSA ME AJUDAR NESTE TRABALHO.
PASMÊ ABSORTO ESCUTANDO O MUNDO INTEIRO
A PORCA DESCRIÇÃO DO HORRENDO MALHO,
QUE ENTRE AS PERNAS ALVERGA O NEGRO BRUTO
NO LASCIVO APETITE DISSOLUTO.

II
O MUSA GALICADA E FEDORENTA,
TU, QUE AS FODAS D'APOLO ESTÁS SUEJITA,
ANIMA A MINHA VOZ, POIS HOJE INTENTA
CANTAR ESSE MANGAZ, QUE A TUDO ARREITA:
DESSE VASO CARNAL QUE O MEMBRO AQUENTA,
ONDE TANTA LANGONHA SE PROVEITA,
UM CHORRILHO ME DÁ, O MUSA OBSCENA,
QUE EU COM RIJO TESAJO PEGO NA PENA.

III
EM TRÓIA, DE SETÚBAL BAIRRO INCULTO,
MORA O PRETO CASTIÇO, DE QUEM FALO,
CUJO NERVO É DE SORTE E TEM TAL VULTO,
QUE EXCEDE O LONGO ESPETO DE UM CAVALO.
SEM QUERER NOS CALÇÕES ESTAR OCULTO,
QUANDO SE ENTESA O TÚMIDO BADALO,
ORA ARRANCA OS BOTÕES COM FURIA RIJA,
ORA ARROMBA AS PAREDES QUANDO MIJA.

IV
A DORNA HIRSUTO RISPIDO PENTELHO
OS ARDENTES COLHOS DO BOM RIBEIRO,
QUE SÃO DUAS MAÇAS DE ESCARAVELHO,
NÃO DIGO NA GRANDEZA, MAS NO CHEIRO,
ALI PIOLHOS LADROS TÃO VERMELHO,
FAZEM COM DENTE AGUDO O PAU LEITEIRO,
QUE O CATÁ MUITA VEZ, MAS NO TOCAR-LHÊ,
LOGO O MEMBRO NAS MÃOS ENTRA A PULAR-LHÊ.

V
OS MAIORES MARZAPOS DO UNIVERSO
À VISTA DESTES PARA TRÁS FIGARAM,
E DO NOVO MARTINHO EM PROSA E VERSO
MIL POETAS A PORRA DECANTARAM:
QUANDO AINDA O CACHORRO ERA DE BERÇO
UMAS MOÇAS POR GRACÇA LHE PEGARAM
NA PICA JÁ TALUDA E, DE REPENTE,
PELAS MÃOS LHE CORREU A GROSSA ENCHENTE.

VI
DE POLIFÊMIO O NERVO DILATADO,
QUE INTENTOU ESCACHAR A GALATEIA,
PELO MUNDO NÃO DEU TÃO GRANDE BRADO
COMO A PORRA DO PRETO, NEGRA E FEIA.
DA COTOVIA O BANDO GALICADO
COM RESPEITO MIL VEZES O NOMEIA,
E AO SOBERBO ESTARDALHO DO SELVAGEM
AS PUTAS TODAS RENDEM VASSALAGEM.

VII
O LONGO E DENSO VÊU DA NOITE ESCURA
DAS ESTRELAS BORDADO JÁ SE VIA,
E EM ROTA CAMA HORRENDA CRIATURA
OS TENEBROSOS MEMBROS ESTENDIA.
DO CARALHO A GRANDÍSSIMA ESTATURA
CO' OS LENÇÓIS ENCOBRIR-SE NÃO PODIA,
E A CABEÇA FODAZ DE FORA PONDO,
FAZIA SOBRE O CHÃO MEDONHO ESTRONDO.

VIII
OS LADROS, QUE FIEIS O ACOMPANHAVAM,
A TRISTE COLHOADA A CADA INSTANTE,
COM AGUDOS FERROS LHE TRASPASSAVAM,
ATORMENTANDO A BESTA FORNICANTE:
NA DURÍSSIMA PELE SE ENTRANHAVAM,
SUPOSTO QUE, COM GARRA PENETRANTE,
O NEGRO DOS COLHOS A MUITOS SACCA,
E O CASTIGO LHES DÁ NA FERA UNHACA.

IX
TENDO O CONO PATENTE NO SENTIDO,
NA BARRIGA O TESAJO LHE DAVA MURROS;
E, DE ACTIVA LUXURIA ENFURECIDO,
ESPALHAVA O CACHORRO AFLITOS URROS;
C'O'A LEMBRANÇA DO VASO APETECIDO
O NARIZ ENCRESPAVA COMO OS BURROS,
ATÉ QUE EM VÃO BERRANDO PELO CONO,
DE TODO SE ENTREGOU NAS MÃOS DO SONO.

X
JÁ RONCANDO, OS VIZINHOS ACORDAVA
O LASCIVO ANIMAL, QUE REPRESENTA
CO'O MOTIM PAVOROSO QUE FORMAVA,
TROVÃO FERRO NO AR, NO MAR TORMENTA;
COM ALTERNADOS COUCES ESPANCAVA
DA PULGAS CAMA A ROUPA FEDORENTA,
QUE PULGAS ESFAIMADAS HABITAVAM,
E DE MIL CAGADELAS MATIZAVAM.

XI
EIS DE IMPROVISO, EM SONHOS LHE APARECE
TERRIFICA VISÃO, QUE UM BRAÇO ESTENDE
E PELA GROSSA CARNE QUE LHE CRESCER
DEBAIXO DA BARRIGA AO NEGRO PRENDE;
ACORDA, PÔE-LHE OS OLHOS, E ESTREMECE
COMO QUEM AO TERROR SE CURVA E RENDE;
COM O MEDO QUE TINHA, A PORRA INGENTE
SE METEU NAS ENCOLHAS, DE REPENTE.

XII
DO TREMENDO FANTASMA A TESTA DURA
DOIS RETORCIDOS CORNOS ENFEITAVAM;
E, DEBAIXO DA PANÇA, A MATÁ ESCURA
TRES DISFORMES CARALHOS OCUPAVAM;
O SUJO ASPECTO, A FEIA CATADURA,
OS RASGADOS OLHOS ILUMINAVAM;
E NA TERRÍVEL DEXTRA O TORPE ESPECTRO,
EMPUNHAVA UMA PORRA EM VEZ DE CEPTRIO.

XIII
ERGUE A VOZ, QUE AS PAREDES ABALAVA,
E CO'A FORÇA DO ALENTO SIBILANTE
MATA A PÁLIDA LUZ, QUE A UM CANTO ESTAVA,
UM PLUMBEO CASTIÇAL AGONIZANTE:
"O TU, REI DOS CARALHOS (EXCLAMAVA),
PERDE O MEDO QUE MOSTRAS NO SEMBLANTE,
QUE QUEM HOJE TE AGARRA NO MARZAPO
É DE VENUS O FILHO, O DEUS PRIAPO."

BOCAGE

Começa hoje "OS RIDÍCULOS" a publicar uma das mais importantes partes da obra de Bocage, que até hoje por motivos que são bem conhecidos foi sistematicamente relegada para uma condenação de deliberado afastamento do conhecimento do público em nome duma moralidade fingida, deixando apenas que os eruditos sobre ela se debruçassem, a ocultas.

Daqui resultou que Bocage, um dos mais notáveis gênios literários da nossa literatura sofreu o aprobo de ser apenas conhecido por meia dúzia de soezes anedotas que nunca foram de sua autoria, mas que serviam para gaudío de ignorantes.

ATENÇÃO: ESTA OBRA CONTÉM PALAVRAS E EXPRESSÕES EVENTUALMENTE CHOCANTES.

cont. na pag. seguinte



Liberrada

XIV

VENDO A FOME CRUEL DO PARRAMEIRO,
QUE ESSAS NEGRAS ENTRANHAS TE DEVORA,
DE PUTAS UM COVIL DEIXEI LIGEIRO,
POR FALAR-TE DE FODAS SEM DEMORA.
CONSOLARAS O RIGIDO MADEIRO
NUMA FÊMEA GENTIL, QUE PERTO MORA,
MAS NÃO LHO METAS TODO, POIS RECEIO
QUE A POSSAS ESCACHAR DE MEIO A MEIO”.

XV

DISSE: E O NEGRO DA CAMA VELOZMENTE
PARA BELJAR-LHE OS PÉS SE LEVANTAVA;
MAS TROPEÇA NUM BANCO, E DE REPENTE
NO FETIDO BISPOTE AS VENTAS CRAVA;
NÃO FICANDO DA QUEDA MUI CONTENTE
CO’UMA GOTTA DE MIO À PRESSA AS LAVA;
E, ACABADA A LIMPEZA, A VOZ GROSSÊIRA
AO NÚMEN DIRIGIU DESTA MANEIRA:

XVI

“SOCORRO DE FAMINTOS FODEDORES,
PROPÍCIA DIVINDADE, QUE ME ESCUTASI
TU CONSOLAS, TU ENCHES DE FAVORES
O MFSTRE DA FODENGA, O PAI DAS PUTAS.
VISTE QUE. DO TESÃO CURTINDO AS DORES,
TRAVAVA CO’O LENÇOL IMENSA? LUTAS,
E BAIXASTE LIGEIRO, COMO NOTO.
A DAR PIEDOSO AMPARO AO TEU DEVOTO.

XVII

ENQUANTO HOUEVER TESÕES E ENQUANTO O CONO
FOR DE ARREITADAS PÍCAS LENITIVO,
SEMPRE HEI-DE RECORDAR-ME, ALTO PATRONO,
DE QUE ÉS DE MEUS GOSTOS O MOTIVO.
POIS ME NÁS GLÓRIA NO ELEVADO TRONO,
E JÁ, COMO O VEADO FUGITIVO
QUE O CAÇADOR PERSEQUE, EU CORRO, EU CORRO
A PROCURAR AS BORDAS POR QUEM MORRO”.

XVIII

DETEVE AQUI A VOZ O RIJO ACENTO,
QUE DOS TROVÕES O ESTRÉPITO PARECE,
E LOGO DIANTE OS OLHOS NUM MOMENTO
A NOCTURNA VISÃO DESAPARECE.
DEIXA RIBEIRO O SÓRDIDO APOSENTO,
QUE DE ANTIQOS ESCARROS SE GUARNECE;
E NAS TRIPAS BERRANDO-LHES O DÊMÔNIO
CORRE LOGO A TRATAR DO MATRIMONIO.

XIX

O BRANDO CORAÇÃO DA FÊMEA ALCANÇA
COM FINEZAS, CARÍCIAS E DESVELOZ;
A QUAL SOBRE A VIL CARA EMPREGA E LANÇA
(TENTACÃO DO DÊMÔNIO) OS OLHOS BELOS;
O FODEDOR MALDITO NÃO DESCANSA,
SEM VER CHEGAR O DIA, EM QUE OS MARMELOS
QUE TEM JUNTOS DO CU, DÊEM CABECADAS
ENTRE AS CÂNDIDAS VERILHAS DELICADAS.

XX

CHEGA O DIA INFELIZ (TRISTE BADEJO!
MISERA CRICA! ROSTO DEDITOSO RABO!)
E, ORNADO O DOSTO DE UM PURPÚREO PEJO,
UNE SE A MÃO DE UM ANJO À DO DIABO,
ARDENDO O BRUTO EM FERVIDO DESEJO
UNTA DE LOURO AZEITE O LONGO NABO,
PARA QUE POSSA ENTRAIR COM MAIS BRANDURA
A VERMELHA CERVIZ, FAMINTA E DURA.

XXI

PRINCÍPIA O BANQUETE QUE CONSTAVA
DE DOUS GATOS, ACHADOS NUM MONTURO,
E DE RASPAS DE CORNO, DE QUE USAVA
EM LUGAR DE PIMENTA O PRETO IMPURO.
FM SUJO FRASCO ALI SE DIVISAVA
TURVA ÁGUA-PÉ; FATIAS DE PAO DURO,
PELA MESA DECREPITA ESPALHADAS,
A FRACA VIDA PERDEM ÀS DENTADAS.

XXII

DEPOIS DE TER O ESPOSO O BUCHO FARTO,
ABRASADO DE AMOR NA ARDENTE CHAMA,
FOGE COM LEVES PASSOS PARA O QUARTO,
AO COLO CONDUZINDO A BELA DAMA.
PELAS CEROULAS O VORAZ LAGARTO
A GENITAL EXUNDIA JÁ DERRAMA;
SÓ POR VER DA CONSORTE O GESTO LINDO,
INDA ANTES DE FODER JÁ SE ESTÁ VINDO!

XXIII

JAZIA O VELHO TÁLAMO NUM CANTO
ONDE DE PULGAS ESQUADRÃO PERSISTE,
PARA TEATRO SER DO AFLITO PRANTO
QUE HAVIA DERRAMAR A ESPOSA TRISTE.
OH NOITE DE TERROR, NOITE DE ESPANTO
QUE DAS FODAS CRUEIS, O ESTRAGO VISTE!
PERMITE QUE COM MÉTRICA HARMÔNIA
PATENTE PONHA TUDO A LUZ DO DIA”

XXIV

ERQUE-LHE A SAIA O RENEGADO AMANTE,
ESTIRA-SE A CONSORTE ÁGIL E PRONTA;
E ELE A SETA CARNAL, NO MESMO INSTANTE,
AO PARRAMEIRO MISERO LHE APONTA.
CO’UM SÓ BEIJO DO MEMBRO PALPITANTE
FICOU SUBITAMENTE A MOÇA TONTA,
E JULGOU (TANTO EM FOGO ARDIA O NABO!)
QUE ENCERRAVA ENTRE AS PERNAS O DIABO.

XXV

PROSSIGUE O DESALMADO; MAS A ESPOSA,
QUE NÃO PODE ATURAR-LHE A DURA ESTACA,
DANDO VOLTAS AO CU, MUITO CHOROSA,
COM JEITO O MEMBRALHAO DAS BORDAS SACA.
ELE IRADO LHE DIZ, COM VOZ QUEIXOSA,
“NÃO ÉS UMA MULHER COMO UMA VACA?
PORQUE FAZES TRAIÇÕES, QUANDO TE EMPURRO
O MASTRO? QUANDO VES QUE GEMO E ZURRO?”

XXVI

ENTÃO, CHEIO DE RAIVA, APERTA O DENTE,
E AL GOSTOSA, FEMINIL MASMORRA,
ALARGANDO-LHE AS PERNAS NOVAMENTE,
COM ESTRONDOSOS AIS ENCAIXA A PORRA:
“ELA, QUE JÁ NO CORPO O FOGO SENTE
DO MARZAPO, LHE DIZ: “QUERES QUE EU MORRA?
TU NÃO VES QUE ME ENGASGO, E QUE ESTOU ROUCA,
PORQUE O CRUEL TESAO ME CHEGA À BOCA?”

XXVII

“AH! DEIXA-ME TOMAR UM BREVE ALENTO,
PRIMEIRO QUE RENDIDA E MORTA CAIA...”
MAS ELE NA FODA É UM JUMENTO,
NÃO TEM DO DA MULHER, QUE JÁ DESMAIA.
SENTINDO SER CHEGADO O FIM DO INTENTO,
DO RANHOSO LICOR LHE INUNDA A SAIA;
PORQUE DENTRO DO VASO NÃO CABIA
A TORRENTE, QUE RÁPIDA CORRIA.

XXVIII

DE GOSTO O VIL CACHORRO ENTÃO SE BABA,
E VENDO QUE A MULHER CALADA FICA,
“CONSOLA-TE (EXCLAMOU) QUE JÁ SE ACABA
ESTA FOME VORAZ DA MINHA PICA.”
E COM MUITA RISADA ENTÃO SE GABA
DE LHE TER ESFOLDADO A ROXA CRICA;
MAS ELA GRITA, ARDENDO-LHE O SABUGO:
“ORA QUE CASASSE EU COM UM VERDUGO!”

XXIX

FORA, FORA CACHORRO, NÃO TE ATURO,
QUE ME FERES AS BORDAS DO CONINHO!”
E COM DESEMBARCAO UM TESO E DURO
BOFETAO LHE ARRUMOU PELO FOCINHO
TOMOU EM TOM DE GRAÇA O MONSTRO ESCURO
A AFRONTOSA PANCADA, E COM CARINHO
DISSE PARA A MULHER: “BRINCAS COMIGO?
POIS TORNO-TE A FODER POR TEU CASTIGO.”

XXX

ESTAS VOZES OUVINDO A DESGRACADA
DE REPENTE NO CHAO CAIR SE DEIXA;
E, TEMENDO A MORTIFERA ESTOCADA,
ORA ABRE OS TRISTES OLHOS, ORA OS FECHA,
COM SUSPIROS DEPOIS DESTINADA
DA CONTRÁRIA FORTUNA ALI SE QUEIXA;
ATÉ QUE ELE LHE DIZ, COM MEIGO MODO:
“LEVANTA-TE DO CHÃO, QUE NÃO TE FODO!”

XXXI

ALMA NOVA COBROU, QUAL LEBRE AFLITA,
QUE DAS UNHAS DOS CAES SE VE LIBERTA;
E APALPANDO A CONACA (OH QUE DESDITA!)
MAIS QUE BOCA DE BARRA A ENCONTRA ABERTA;
MAS CONSOLA-SE UM POUCO, E JÁ MEDITA
EM FUGIR DA RUÍNA, QUE É TÃO CERTA,
E EM VINGAR-SE DO HORRIVEL BRUTAMENTE,
ORNANDO-LHE DE CORNOS TODA A FRENTE.

XXXII

TEM CONSEGUIDO A BARBARA VINGANÇA
A TRAIidora MULHER, COMO QUERIA;
E O NEGRO COM PACIÊNCIA BRANDA E MANSA,
SOFRENDO OS CORNOS VAI DE DIA EM DIA,
BEM MOSTRA NO QUE FAZ NÃO SER CRIANÇA,
QUE DE NADA O RIGOR LHE SERVIRIA;
PORQUE, SE UMA MULHER QUISER PERDER-SE,
ATE FEITA EM PICADO HÁ-DE FODER-SE... ”

XXXIII

AGORA VÓS, FODÕES ENCARNIÇADOS,
QUE JULGAIS AGRADAR AS MOÇAS BELAS
POR TERDES USOS MARZAPOS, QUE ESTRIDADOS
VÃO PREGAR CO’OS FOCINHOS NAS CANELAS,
CONHECEREIS AQUI, DESENGANADOS,
QUE NÃO SÃO TAIS PORRÕES DO GOSTO DELAS;
QUE LHES NÃO PODE, ENFIM, CAUSAR RECREIO
AQUELE QUE PASSAR DE PALMO E MEIO.

BOCAGE

Hoje, meus caríssimos amigos, vocês não têm oportunidade de meter um valezinho à sacana da caixa do meu patrão que ele ainda mais forreta do que ele. Mas eu explico os motivos que me levaram a isto. Foi a minha boa vontade em cumprir a minha missão como repórter e ter saído hoje logo de madrugada (ainda não eram onze da manhã) para ver se conseguia arranjar alguém para entrevistar.

— O facto é que encontrei. Encontrei aberta a porta do primeiro andar do lado esquerdo da barraca ao lado da minha, a de lá de dentro tinham uns roncamentos tremidinhos que me percorreram a espinha como uma cavalgada de pulgas apressadas.

— Que se teria passado? Ha-

— Veria um crime? Um assalto? Um drama passional? Espertei a medo (não foscansar, mesmo que isso me custe perder a oportunidade de meter um valezinho à sacana da caixa do meu patrão que ele ainda mais forreta do que ele. Mas eu explico os motivos que me levaram a isto. Foi a minha boa vontade em cumprir a minha missão como repórter e ter saído hoje logo de madrugada (ainda não eram onze da manhã) para ver se conseguia arranjar alguém para entrevistar.

O MEU VIZINHO

— Quem está aí?
— Sou eu! O seu vizinho de cima!
— Então entre! Não fique aí espedaçado à porta!
— Sabe... a porta estava aberta... eu pensei que quem não me cortei em parte nenhuma nem estou naquele período. Respondi a medo:

— Foi eu que a deixei aberta. Não queria ter o trabalho de me levantar se alguém me viesse procurar, assim como o vizinho... Ora diga lá o que quer?
— Oh... como assim... eu ia a passar, sabe, ia ver se fazia uma entrevista lá p'ro jornal...

— Ah o senhor é farmacêutico?
— Não senhor. Sou Fernando. Porquê?
— Como disse que descobriu a fórmula ideal? E alguma pomada?
— Não seja burro. Você sabe muito bem que vivemos uma hora alta de politização e toda a gente se interroga sobre os verdadeiros significados dos vários conceitos que tem servido de tema aos mais variados colóquios e mesas redondas...

— Ah o senhor é jornalista?
— Não senhor. Sou jornalista. Porquê?
— Como disse que descobriu a fórmula ideal? E alguma pomada?
— Não seja burro. Você sabe muito bem que vivemos uma hora alta de politização e toda a gente se interroga sobre os verdadeiros significados dos vários conceitos que tem servido de tema aos mais variados colóquios e mesas redondas...

VIVA O SOCIALISMO!..



— Pois é. E é por isso que eu deixo de muitas loucuras...
— Muitas quê?
— Ài a gaital! É preciso um curso de burricialismo para falar consigo! Loucurações quer dizer pensamentos tortuosos, às curvas como as cobras! Bem mesmo da palavra cobra que em latim se dizia cobra, cobra! É uma

— Pronto, homem, não se abespine. Pois o que eu tenho a dizer-lhe é que fui eu quem descobri a fórmula que todos procuravam...
— Mas o que? A fórmula ou lá o que é tinha-se perdido?
— Então você que diz que é jornalista não lê os jornais?
— Sabe, eu não vou lá muito em leituras. Mas se o senhor me explicar...
— Oh, homem, é fácil. Você com certeza que tem ouvido todas essas discussões que tem havido para aí a respeito de políticas, de socialismo etc. Ou não tem?
— Sim tenho ouvido qualquer coisa...
— Então se tem ouvido, sabe perfeitamente que anda para aí toda a gente a dizer que eles é que são socialistas, que eles é que sabem o que é o socialismo, que socialismo para aqui, socialismo para ali, e mais que torna e mais que deixa:

— E que não deixa...
— Pois. Alguns até nem

deixam, O que é uma chatice, porque assim nem as pessoas acabam por ficar a saber o que é e o que não é. Sabe, isto da política é uma ciência um bocadinho complicada...
— A quem você me o diz? Eu tenho andado a ver se percebo, mas parece que não vou lá. Ora dizem que são todos amigos, ora andam à decompostura uns aos outros...
— Pois é. E é por isso que eu deixo de muitas loucuras...
— Muitas quê?
— Ài a gaital! É preciso um curso de burricialismo para falar consigo! Loucurações quer dizer pensamentos tortuosos, às curvas como as cobras! Bem mesmo da palavra cobra que em latim se dizia cobra, cobra! É uma



palavra muito usada visto ter dado muitas palavras portuguesas: e todas elas ligadas às cobras, quer dizer, mais como as cobras: por exemplo cobra-dor, filho duma cobra, etc.
— Pronto, pronto, já percebi. E depois dessas cobras todas o que é que você descobriu?
— Descobri entre tantas fórmulas que nos têm sido apresentadas, qual é a fórmula ideal do socialismo.
— Ah sim? E que interesse tem para o público do meu jornal essa sua descoberta?
— Oh seu hipotético arremedo de simiesco erectus! Então você não vê que tudo isso se relaciona com o trabalho de todos nós? Que todos precisamos de saber dar o ver-

— Não é nada secreto! É apenas uma fórmula que eu retirei da minha vastíssima cultura. Eu já lhe expulquei de onde é que vieram muitas palavras portuguesas, não disse? E ainda não foi proibida a importação de palavras, e mesmo que fosse estas já foram importadas há muito tempo. Assim se o senhor analisasse a palavra socialismo verá logo que tem o mesmo radical de sócio...
— Realmente... parece...
— Parece uma gaital! Parece é! Pois você não vê ali pela janela aquela malta toda a trabalhar?
— Vejo sim senhor! E começaram logo de madrugada a martelar e a cavar, que nem se dão porém direito descançados! Se saltar era o que lhe fazia bem a si...
— Mas é que eles estão a fazer o meu trabalho! Então você não vê que eu decidi dar-lhes sociedade naquele trabalho? Eles cavam, martelam e serram, e eu penso. É um trabalho meu e de deles que são meus sócios. Por isso eu estou a trabalhar com os meus sócios, ou seja em socialismo. Percebeu?
— Mas eles sabem disso?
— Nem precisam de saber! O que é preciso é animar a malta. E eu aqui estou a apreciar o trabalho deles e a dar-lhe o devido valor. Que é o que talvez muita gente não faça, e eles bem mereçam que eu os aplauda e os louvo. Ora pela minha parte o meu patrão logo me disse que era patriota e que por isso queria lá em casa mais trabalho e menos conversa. E disse também que ninguém lhe tinha dito para pagar mais: só o tinham dito que o que era preciso era avisar a malta para trabalhar mais...
— E fax ele muito bem! Aqui estou eu a trabalhar em socialismo à grande!
— Você deve estar a gozar comigo! E se algum senhor socialista sabe que você anda assim a ofender o partido, lá temos mais uma data de co-

— Não é nada secreto! É apenas uma fórmula que eu retirei da minha vastíssima cultura. Eu já lhe expulquei de onde é que vieram muitas palavras portuguesas, não disse? E ainda não foi proibida a importação de palavras, e mesmo que fosse estas já foram importadas há muito tempo. Assim se o senhor analisasse a palavra socialismo verá logo que tem o mesmo radical de sócio...
— Realmente... parece...
— Parece uma gaital! Parece é! Pois você não vê ali pela janela aquela malta toda a trabalhar?
— Vejo sim senhor! E começaram logo de madrugada a martelar e a cavar, que nem se dão porém direito descançados! Se saltar era o que lhe fazia bem a si...
— Mas é que eles estão a fazer o meu trabalho! Então você não vê que eu decidi dar-lhes sociedade naquele trabalho? Eles cavam, martelam e serram, e eu penso. É um trabalho meu e de deles que são meus sócios. Por isso eu estou a trabalhar com os meus sócios, ou seja em socialismo. Percebeu?
— Mas eles sabem disso?
— Nem precisam de saber! O que é preciso é animar a malta. E eu aqui estou a apreciar o trabalho deles e a dar-lhe o devido valor. Que é o que talvez muita gente não faça, e eles bem mereçam que eu os aplauda e os louvo. Ora pela minha parte o meu patrão logo me disse que era patriota e que por isso queria lá em casa mais trabalho e menos conversa. E disse também que ninguém lhe tinha dito para pagar mais: só o tinham dito que o que era preciso era avisar a malta para trabalhar mais...
— E fax ele muito bem! Aqui estou eu a trabalhar em socialismo à grande!
— Você deve estar a gozar comigo! E se algum senhor socialista sabe que você anda assim a ofender o partido, lá temos mais uma data de co-

O SONHO DEL-REI

cont. da pág. 6

EL-REI
— Que quereides, minha boa esposa? São as duras artes da governança! Temos nós que nos sacrificar para que o povo possa continuar a ser feliz! Olhaide que lá hoje terei que presidir a outro banquete que a corporação das artes e ofícios dos calceteiros marítimos que me vêm agradecer o meu real decreto sobre os novos impostos que lhes cabem...

D. BRIOLANJA

— Mas por certo que lhos haveides agravao em mais alguns maravedis! Bem sabeides que a nossa casa real anda muito precisada de coroas...

EL-REI

— Mas naturalmente, minha boa esposa! Acaso duvideides da minha sabedoria inconfundível?

D. BRIOLANJA

— Não, meu amado esposo! Mas como dissesteides que vos vinham agradecer...

EL-REI

— Senhora minha, haveides de ter a miolreira de férias, para fazerdes précuras dessas. Sabeide que fiz saber pelos meus espalhadores de boatos que os novos impostos iriam ser aumentados de trinta cruzados por ano...

D. BRIOLANJA

— E então?

EL-REI

— Então deixei passar as habituais semanas, e solenemente, no fim dum importante jogo da pela entre os dois grandes campeões do torneio, os encarnados e os verdes, jogo que sempre exalta os mais nobres sentimentos na nossa plebe, que ali pode livremente invectivar e apedrejar os medianeiros, anunciei que os impostos novos para a corporação dos calceteiros marítimos seria apenas aumentada de vinte cruzados!

D. BRIOLANJA

— Que inteligenté soides, meu augusto esposo!

EL-REI

— Já vos disse muitas vezes que embirro com esse nome de augusto.

D. BRIOLANJA

— Desculpaide o mau jeito, meu amado esposo. E agora deixaide-me partir que tenho o mestre pintor à espera.

EL-REI

— Acaso ireides pintar de novo a vossa camera?

D. BRIOLANJA

— Não seajades obtuso, meu amado esposo. O mestre pintor vem retocar o meu nível rosto para a festa de caridade a que terei que presidir esta tarde. A propósito: tereides que me dar mais quinhentos dobrões, que se me acabou a massa...

EL-REI

— Se são para esse mestre pintor dizeide-lhe que arranje tintas de outra qualidade melhor que andaides com uma fussa de assustar meninos!

D. BRIOLANJA

— Pois olhaide que todas as minhas amigas me invejam o assetinado da cutis...

EL-REI

— Realmente não admira; todo o povo que eu governo anda assim com a pele lisinha. Parece mesmo que anda todo lixado...

D. BRIOLANJA

— Não seajades reaccionário, que vos não fica bem. Deixaide isso para os infieis. Quantos ides mandar prender desta vez?

EL-REI

— Ainda não sei bem. Terei que conferir com o meu preboste da Pidica Polícia. Mas creio que já estão na lista trezentos estudantes, quatrocentos caldeirheiros, oitenta e nove escribas, setecentas bordadeiras...

D. BRIOLANJA

— Tente tanto, senhor meu esposo! Prendeide os estudantes, os caldeirheiros e os escribas. Mas não toqueides nas bordadeiras, porque senão não teremos vestidos novos para as grandes festas que se aproximam! Já estão tantas presas, e de resto bem sabeides que toda essa gente nas nossas masmorras nos saem caríssimas com as malgas de caldo e os casqueiros que a caridade manda dar-lhes dois dias por semana...

EL-REI

— Assaz o sei, minha boa esposa. Mas que hei-de fazer? Importa manter o nosso bom povo livre desses malvados infieis inimigos da sua segurança e bem estar...

PREBOSTE

— Mandasteis-me chamar, magestade?



OS RIDICULOS

O MAIS ANTIGO
SEMANÁRIO HUMORÍSTICO PORTUGUÊS

DIRECTOR
SILVA NOBRE

PROPRIEDADE
HUMBERTO S. NOBRE

Redacção, administração e composição
R. Conde Redondo nº 12-2º LISBOA
Tel. 538585-537949-48668-563158

Impresso na Empresa do
JORNAL DO COMÉRCIO, S.A.R.L.

DISTRIBUÍDO PARA TODO O PAÍS POR
REGIMPRESSA
AV. D. JOSÉ I, LOTE 12
REBOLEIRA — LISBOA

OS GRANDES PONTOS INTERNACIONAIS

Pois parece que quem continua a ser um grande ponto é aqui o nosso vizinho Chico. Aquilo é que é de força! Vocês lembram-se? Quando ele fez setenta anos (já lá vão doze anos!) correu o boato que ele estava perdido, que não aguentava mais dois meses, que coitado, tinha feito tudo o que podia mas que estava já a ficar velho. . .

Pois sim. O amigo Chico tinha apenas tido uma constipaçãozinha apanhada numa festarola qualquer que tinha durado até mais tarde, e oito dias depois aí estava ele todo inchado a passar revista às tropas e a dizer um discurso daqueles que já sabia de cor há mais de trinta e sete anos.

Os espanhóis tornaram a encolher os boatos e ficaram à espera que o velhinho envelhecesse mais.

E envelheceu. Há seis anos, foi-se abaixo das canetas e toda a gente se preparou para as grandes cerimónias da última homenagem ao homem que na hora de tal e tal tinha feito isto e aquilo. . .

Pois foi. O velhinho até para melhor lixar os seus inimigos até lhes pregou a partida de dizer com tremidinhos na voz que como estava a

ficar velhote (já tinha nessa altura setenta e seis. . .) achava melhor nomear um sucessor, e para isso tinha ali à mão um príncipzinho encantado como nas histórias de fadas, e por isso que ficassem todos a saber que quando ele (velhinho) batesse a bota, ficaria o príncipzinho a tomar conta do tascó. . .

E a malta esfregou as mãos de contente. Agora é que era. O velho ia-se apaaar. E com muita paciência continuaram à espera.

Esperaram, esperaram. . . mas nada.

Depois disso o velhinho teve outro badagaio aqui há tempos e entrou para uma clínica para fazer uma operação de urgência e toda a gente disse:

— Agora é que é. O gajo não resiste. Que diabo: já tem mais de oitenta anos! Já não sai dali senão com os pés para diante num sobretudo de madeira e com um padre a cantar à frente.

Tá claro. O príncipzinho também caiu, e nessa altura mandou puxar lustro aos amarelos para ir tomar conta do poleiro. Escolheu a sala, mandou comprar mais uns maples que estavam a ficar

muito safados (já tinham quase quarenta anos a receber que estrangeiros) e quando ia a assinar o seu primeiro decreto, olhou para a porta e quem havia de ver? O velhinho a pisar-lhe o olho e a dizer-lhe: — Anda menino: vai brincar que eu já cá estou outra vez. . .

E ele foi — que remédio! E ficou a pensar com os seus botézinhos amarelos: mas quando é que este pândego bate a bota?

Pois é. E isso mesmo que toda a gente pergunta, mas parece que por ali fazem-se muitas culturas mas não se dá grande apreço à ingrícola dos tomates e por isso o velhinho lá vai gozando dos rendimentos e vez em quando aparece em público a dizer lá ao Zé dele:

— Pois meus amigos, os vossos desejos de muita e boa saúde cá vão dando resultado! Cá vou muito satisfeito, cantando e rindo, e tenho o pra-

zer de vos dizer que daqui a três anos vamos fazer uma grande festa para comemorar os meus oitenta e cinco aninhos. Mas a grande festa vai ser em 1983, que é quando eu faço os meus noventa.

E até lá. . . como vocês se fartam de dizer arribá Espanha, eu cá vou arribando. . . Consta que por aquelas bandas há menino que tanto tem roído as unhas que já vai roendo na falangeta porque na falange não se atreve. . .

O SONCHO DEL-REI

cont. da pág. 14

EL-REI

— Mandei sim, meu excelente preboste. Dizeide-me: quantos infieis e revoltosos haveis prendido hoje?

PREBOSTE

— Poucos, Magestade. Imaginaide que tive que prender um dos meus próprios policiais! Recusou-se a ir prender o filho que era um notável revoltoso!

EL-REI

— Sim? E quem era o filho? Onde fazia as suas agitações sociais?

PREBOSTE

— Numa escola, magestade!

EL-REI

— As escolas estão a ser graves focos de infiltração desses malvados revoltosos! Seria na realidade das escolas de estudos superiores, por certo?

PREBOSTE

— Não, Magestade. A má semente cedo começa a germinar. O filho do policia era agitador numa escola primária. Era o chefe dos revoltosos da secção infantil. Imaginaide que esse infame puto, que ainda conta apenas cinco anos, é já um depravado prevertido que pretende violentar a professora. . .

EL-REI

— Que dizeideis?

PREBOSTE

— O que haveis ouvido, Magestade. Ainda tenho sobre a minha mesa o relatório da infeliz senhora que é uma das nossas mais dedicadas agentes e que em lancinante apelo pediu a imediata expulsão do criminoso que a pretendia violentar!

EL-REI

— Importa tomar graves medidas, senhor preboste. Que fez na realidade esse empedernido criminoso?

PREBOSTE

— Felizmente foi detido a tempo. Mas estava já pendurado na saia da professora, e tinha na mão um pacote de margarina. E gritava como um possesso: — Eu quero comer!

EL-REI

— Pois isso me lembra que estou também atrasado para o almoço: Briolanja! Briolanja! Eu quero comer! Eu quero comer! EU QUERO COMER! EU QUERO COMER!

D. BRIOLANJA

— Credo, homem, acordá! Que pesadelo tendes? Estaveis a gritar como um possesso!

EL-REI

— Hum. . . han. . .? Que horas são? Que dizeideis vós?

D. BRIOLANJA

— Digo que estaveis sonhando em alta gritaria! Dizieis: Eu quero comer! Eu quero comer!

EL-REI

— É certo! Estranho sono tive! A propósito, minha boa esposa: tendes cá margarina em casa?

A LETRA PROTESTADA
QUE ME IMPORTA?
QUE VÁ BATER,
DANADA,
A OUTRA PORTA!
QUE VÁ TRAMAR
OUTRO QUALQUER,
QUE A QUALQUER
PAGAR. . .
SE PODE REFORMAR-SE,
TALVEZ POSSA PAGAR-SE. . .
PORQUE UMA LETRA,
ACTUALMENTE,
PAGA-SE COM OUTRA,
GERALMENTE!

SUPER MANOS

LARGO DO MASTRO 5 (AO CAMPO DE SANTANA)
TEL. 562411/10 LINHAS



A MAIS
FABULOSA
GAMA DE
APARELHAGENS
ELECTRODOMÉS
TICA E DE
SOM
ESTEREOFÓNICO
DAS MAIS
FABULOSAS
E
ACREDITADAS
MARCAS
MUNDIAIS

MOBÍLIAS MARAVILHOSAS EM TODOS OS ESTILOS
COLCHÕES SENSACIONAIS DE CONFORTO
"EPEDA" E "DELTALOC"